



JMI

QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 2020

AGRICULTURA PODE COMBATER DESEMPREGO

Humberto Vasconcelos entende que o setor agrícola é um espaço que pode e deve ser aproveitado. Defende os apoios às Casas do Povo e os cheques-agrícola, anuncia novos investimentos para melhorias infraestruturais e garante que as ajudas criadas em tempo de pandemia respondem às necessidades do setor.



HUMBERTO VASCONCELOS SECRETÁRIO REGIONAL DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL

BANANA CONTINUA EM CRESCIMENTO

A produção de banana da Madeira contrariou a tendência de queda registada na maioria dos setores agrícolas e agroalimentares. Nos primeiros nove meses deste ano, foram contabilizadas mais de 16.500 toneladas de banana, mais 1,72% do que em 2019.



MEDIDAS TRAVARAM IMPACTO DA PANDEMIA

Foram diversos os apoios criados para diluir as dificuldades trazidas pelo coronavírus. Desde uma linha de crédito de cinco milhões aos setores agrícola e agroalimentar, a ajudas na distribuição, a suspensão de taxas ou entregas de cabazes a famílias carenciadas. O Governo enumera 15 medidas.





HÁ FUTURO NA AGRICULTURA

A agricultura tem vagas para jovens empreendedores. É a garantia de Humberto Vasconcelos, que revela estar já em curso uma formação que integra 300 desempregados. O governante elogia os profissionais do setor, que não pararam durante o confinamento, anuncia investimentos em infraestruturas e critica quem contesta os apoios às Casas do Povo.

Em tempo de pandemia acha que aumentaram os hábitos de consumo dos madeirenses nos produtos regionais?

Efetivamente neste tempo pandémico houve um setor que nunca parou. O setor primário foi um exemplo de trabalho dos agricultores e nós temos tomado um conjunto de medidas importantes para, no fundo, apoiar este setor que muito ajudou os madeirenses.

Com o aumento do desemprego, acha que o setor agrícola ganhou mais pessoas?

A nossa política tem sido contribuir para a entrada de novos agricultores, jovens, e têm aparecido e reflete o aumento de produção agrícola na RAM. Com o período pandémico, sentimos que houve algumas pessoas que se viraram para o setor primário, para consumo próprio, portanto, a agricultura familiar cresceu um pouco. Iniciámos agora uma formação para desempregados onde, no fundo, queremos demonstrar que existe aqui um mercado que ainda é possível aproveitar.

Mas continua a ser um setor envelhecido?

O setor tem 2 vertentes, tem a agricultura familiar com um conjunto de agricultores que têm uma determinada idade, mais de 60 anos. Mas também há jovens que apostam em estruturas agrícolas mais rentáveis, mais intensiva, através das estufas, através de sistemas modernos com mecanização, o que permite outro tipo de rentabilidade.

Continuamos a ter a agricultura familiar e existem também apoios específicos. Estamos a trabalhar no estatuto da agricultura familiar no sentido de melhorar as condições do ponto de vista dos impostos, do ponto de vista dos descontos, para es-

sas pessoas que se dedicam à pequena agricultura.

O Governo também prevê intensificar a aposta na área da agricultura biológica. É um setor que tem merecido maior atenção dos madeirenses, principalmente em tempos de pandemia.

É uma tendência. Para nós, o que é importante são todos os tipos de agricultura. A agricultura convencional, no fundo a proteção integrada, e a agricultura biológica. Nós temos de crescer sustentadamente em todas elas. Há um crescimento do número de agricultores na agricultura biológica e o Governo tem criado também, através dos fundos comunitários, majorações específicas para quem investe nesta área. Agora, continuamos a apoiar a cultura convencional.

A Escola Agrícola em São Vicente justifica a sua existência?

A Escola Agrícola da Madeira, que se situa em São Vicente, é um projeto vitioso, sem dúvida, foi uma decisão muito importante para o setor primário, já deu formação a mais de 3.000 formandos,

QUEM CRITICA O BOM FUNCIONAMENTO DAS CASAS DO POVO NÃO ESTÁ PREPARADO PARA GOVERNAR A MADEIRA, UMA MADEIRA DO FUNCHAL, UMA MADEIRA FORA DO FUNCHAL QUE TEM REALIDADES DIFERENTES, MAS QUE AS CASAS DO POVO TRATAM DE UMA FORMA IGUAL.

temos imensas formações que foram ali ministradas. Quando chegámos ao Governo, a formação do setor primário era quase inexistente, com algumas associações a fazer pequenas formações, neste momento, temos uma formação ao nível regional. A escola situa-se fisicamente em São Vicente, mas nós estamos a investir noutros espaços para

continuarmos a dar formações.

Pondera abrir um novo espaço, mais a sul?

Nós vamos ter sempre polos a funcionar, mas a escola estará sempre centrada a norte da ilha, porque também somos defensores da descentralização e este foi um bom exemplo. Por vezes as pessoas falam muito que o norte está esquecido, neste caso o norte foi lembrado e muito bem.

Nós vamos melhorar as instalações em Santana, do Centro Agrário, de forma a podermos ali também ministrar cursos naquela área e temos outras formações que são feitas noutras zonas da ilha.

Em relação aos cheques agrícolas, foram criados para apoiar fatores de produção. Têm cumprido o seu desígnio?

Nós criámos e temos apoios comunitários, que demos aos agricultores. O prémio agricultor, as zonas desfavorecidas... Com a nossa entrada no Governo, através do PRODERAM, criámos uma nova medida de apoio, em que gastamos 7 milhões de euros por ano para apoiar as zonas mais desfavorecidas, a manutenção dos muros, as agroambientais, esses apoios foram introduzidos com o nosso Governo e vieram melhorar o apoio aos fatores de produção com o Orçamento Regional. Porque temos sentido que cada vez há mais agricultores a recorrerem aos fundos comunitários, as verbas são sempre idênticas e isso reduz valor por cada um deles. Introduzimos também o apoio através do raticida.

Com a crise pandémica pretende reforçar os apoios para a agricultura no próximo orçamento?

Sim. Este ano tivemos de introduzir o apoio à floricultura. Vamos introduzir agora o apoio à cerejeira, às alterações climáticas também, portanto, vamos tentar apoiar para além daqueles apoios que temos, situações de menos rendimento para o agricultor. Por exemplo, este ano, os viticultores estavam numa situação difícil devido à diminuição das vendas, o Governo interveio e a fundo perdido irá disponibilizar 400 mil euros de apoio ao setor, mais os juros das linhas de crédito que, no fundo,

estão preparadas para o setor e correu muito bem o escoamento. Mas continuamos a pensar que deveria haver, até da parte da Comunidade Europeia, um reforço dos apoios ao setor primário.

Acha que os consumidores madeirenses estão educados para consumir os produtos regionais, por exemplo, o caso do frango, apenas 50% dos 5 milhões de aves consumidas por ano são da Região.

Em relação ao setor primário e aos produtos agrícolas, nós temos tentado que os investimentos que têm sido feitos através dos agricultores e dos investidores agrícolas sejam para aumentar a produção regional em todos eles. Dentro do possível, temos de aumentar o consumo regional para dependermos cada vez menos do exterior, em relação aos produtos que consumimos.

Nesta fase pandémica, nós fizemos uma campanha inicial de "consuma o que é nosso", sensibilizando os madeirenses, e sentimos que face ao desaparecimento do mercado turístico, conseguimos que os consumidores regionais se virassem para os produtos regionais.

Sobre especificamente os frangos, o Governo Regional criou uma linha com fundos comunitários, em 400.000 euros, para que o seu preço seja competitivo face ao frango importado. Também criámos uma medida, que estamos a fiscalizar, que é frango fresco.

E qual o restante cenário da pecuária?

É uma área que devido ao território exigiu que é a Madeira é sempre difícil ter grande produção. Nós queremos aqui criar produtos diferenciados. Ter menos quantidade de produtos, mas com grande qualidade. O nosso objetivo na produção de carne regional é conseguimos ter uma raça autóctone madeirense. Existem cerca de 15 raças autóctones portuguesas, a Madeira não tem, queremos ter uma raça de carne regional, com o valor acrescentado do produto marca Madeira.

Agora, existe muito mais gado na Madeira do que existia há 5 anos, há muito mais registo de animais e, portanto, tem havido crescimento neste setor, e o



Secretaria Regional
de Agricultura
e Desenvolvimento Rural

"Avião cargueiro foi a salvação de alguns produtos"

A exportação de produtos agrícolas nunca esteve confinada. "Nunca parou. Nós fazemos a exportação da banana em grande escala, como sabemos, é o produto que mais exportamos. Fazemos a exportação da anona e do abacate. Não houve paragem. Neste momento não há exportação, porque não há produção", começou por referir.

E nesse aspeto, o governante faz questão de valorizar o avião cargueiro. "Mas aqui está mais um bom exemplo do apoio que temos dado ao avião cargueiro, acerca da sua importância neste período pandémico. Eu diria que o avião cargueiro foi a salvação de alguns produtos

regionais, porque não havia outra forma de exportá-los, mas também para trazer produtos necessários para a Madeira neste período difícil, até na área médica, na área da saúde. Foi fundamental num período em que ficámos sem ligações aéreas. O avião nunca deixou de trabalhar, cinco vezes por semana, chegou a fazer dois voos de apoio à Madeira. Agora os Açores também querem copiar o nosso modelo", constatou.



Oiça a entrevista na íntegra a partir das 12h00 na rádio 88.8

Versão vídeo também está disponível em www.jm-madeira.pt a partir das 13h00



Governo Regional, em breve, vai apresentar um grande investimento que fez nesta área da investigação e promoção.

Já se pode saber qual é?

Vai ser inaugurado em breve, pelo senhor presidente do Governo, está concluído... É um investimento da Estação Zootécnica da Madeira que vem enobrecer este setor. Neste momento, estamos a trabalhar numa medida no abate dos animais, para melhorar as condições financeiras e tornar mais competitivo quem trabalha neste mercado, que é difícil, muitos assente na importação.

Nas Jornadas Madeira, projeto do JM, houve um conjunto de pessoas que disseram que faltava visão ao setor.

Eu ouvi o presidente da AJAMS falar durante 45 minutos sobre tudo o que foi feito na RAM durante estes anos. Nós quando entrámos, criámos uma Escola Agrícola, que comprovadamente é um projeto de sucesso, a visão de formação para o setor está feita.

Criámos um conjunto de planos estratégicos, que a própria oposição chegou a ironizar, mas hoje vê-se a esquerda toda a falar de todos os planos estratégicos possíveis.

Por outro lado, no Jardim da Serra, quem vive das cerejas tem-se queixado de perdas abruptas.

Estamos atentos e tivemos o cuidado de trazer um técnico nacional de renome para comprovar aquilo que os nossos técnicos já tinham diagnosticado, portanto, teve a ver com a alteração climática. Tivemos perdas na ordem dos 90%. E estamos agora a referenciar aqueles que têm cerejeiras dispersas pelo território e vamos criar um apoio a estes produtores. Estamos aqui para apoiar e é impossível prever este tipo de situações.

Mas há produtores do Jardim da Serra que admitem abandonar esta produção. Poderá o Governo Regional direcionar essa produção para outra freguesia?

Não. As cerejeiras têm um clima específico, que só reúnem zonas como o Jardim da Serra, Ribeira Brava e Campanário.

Os mercados agrícolas são uma boa forma de escoamento dos produtos?

Há diferentes mercados agrícolas, te-



FOTOS JOANA SOUSA

mos o mercado de Santana, o da Santa, o dos Prazeres e o da Calheta. Depois, temos o Mercado Abastecedor do Funchal. Cada um tem a sua função, o de Santana serve muito para tratamento dos produtos, por exemplo através do Madeira Agrícola e armazenamento. Temos também ali uma unidade da anona e da pera abacate, que a GESBA gere, e que no fundo recebemos este tipo de produtos para colocar no mercado nacional, fazemos a exportação da anona e do abacate em condições excelentes, com preço excelente e pago a

tempo e horas.

Depois, temos o da Santa que está muito vocacionado para a batata. Temos os Prazeres que fazem a comercialização, a lavagem e limpeza de produtos e armazenamento também. O mercado do Funchal está mais antiquado, o nosso Mercado Abastecedor faz a comercialização direta entre o agricultor e o vendedor.

Esses mercados não deviam ser mais escrutinados, só com produtos madeirenses?



A ESCOLA AGRÍCOLA DA MADEIRA, QUE SE SITUA EM SÃO VICENTE, É UM PROJETO CONSOLIDADO, VITORIOSO, SEM DÚVIDA, FOI UMA DECISÃO MUITO IMPORTANTE PARA O SETOR PRIMÁRIO, JÁ DEU FORMAÇÃO A MAIS DE 3.000 FORMANDOS.

Todos estes mercados têm produtos madeirenses. O Mercado Abastecedor aqui do Funchal é o único mercado que tem produtos sem serem madeirenses. Estamos a trabalhar para garantir a reestruturação física destes mercados.

O mercado abastecedor é um mercado que está mais antigo, precisamos de um investimento de fundo neste mercado e pensamos que vamos começar a trabalhar nesse projeto no próximo ano. Mas posso adiantar que no setor da batata já aprovámos a resolução para um apoio através de fatores de produção aos produtores que permita minimizar a diminuição de preço sofrido nestes últimos anos.

Falando agora nas Casas do Povo, receberam alguns apoios que mereceram críticas de alguns quadrantes. Como é que responde a quem fala em subsídios sem critério?

As Casas do Povo são instituições com 87 anos, que marcaram uma época importantíssima do desenvolvimento da Madeira e que continuam a marcar, porque são muito próximas das pessoas, com milhares de associados.

Os apoios que damos são o melhor investimento que o Governo Regional faz do ponto de vista do apoio às populações. São fundos controlados pelo Governo Regional, fiscalizados, auditados pelo Tribunal de Contas e sempre se verificou que os fundos são utilizados criteriosamente.

Portanto, quando se aplica bem este dinheiro, quando as Casas do Povo fazem bem a sua função, quando há desenvolvimento cultural, desenvolvimento social, trabalho para além do social, desenvolvi-

mento no campo da ruralidade, quando colocamos pessoas a ter formação em várias áreas, que não era possível se não fossem as Casas do Povo... Só temos de agradecer a todos os presidentes das Casas do Povo, porque trabalham pro bono. Fazem um trabalho ímpar e quem hoje critica o bom funcionamento das Casas do Povo não está preparado para governar uma Madeira que precisamos, uma Madeira do Funchal, uma Madeira fora do Funchal que tem realidades diferentes, mas que as Casas do Povo tratam de uma forma igual.

Mas a oposição diz que as Juntas de Freguesia estão mais próximas das populações e estão em todas as freguesias ao contrário das Casas do Povo.

São realidades diferentes. Os dirigentes que estão nas Casas do Povo são pessoas com uma vocação de desenvolvimento rural, de desenvolvimento social, completamente diferente das pessoas que estão nas Juntas. As Juntas de Freguesia estão vocacionadas para muitos investimentos físicos, que também ajudam as populações. Acho que as duas instituições têm a sua razão de existir, têm fundos autónomos, o Governo da República transfere para as Juntas de Freguesia, o Governo Regional transfere para as Casas do Povo. Eu próprio já apoiei, através de fundos, as Juntas de Freguesia, portanto, nós estamos disponíveis também para ajudar.

No campo dos apoios, a linha de crédito bonificada dirigida às empresas e agroindústrias foi suficiente para corresponder às dificuldades do setor?

Neste momento, é suficiente, porque o valor que atribuímos, por exemplo, na antecipação do POSEL foram cinco milhões de euros. É mais do que suficiente. Ainda por cima, nós, face à vindima, criámos uma linha de crédito de quatro milhões e meio.

Mas quando mencionamos apoios e perdas, convém referir que a oposição dizia ser impossível criar os seguros agrícolas na Madeira e os seguros agrícolas são uma realidade. Houve um senhor na altura, da oposição, que dizia não ter conseguido fazer o seguro e depois vim a saber que nem tinha terreno... A banana, neste momento, tem um seguro coletivo que ajuda bastante. Nós, além de termos políticas de apoio de fundos de crédito, temos apoios a fundo perdido e criámos apoios também às perdas, que é importante.

Execução dos fundos acima da média

Humberto Vasconcelos acredita que os fundos europeus estão a ser bem aproveitados na Madeira. "Estão muito disponíveis para todos os agricultores e, neste momento, o quadro comunitário PRODERAM está 100% comprometido para investimentos e, portanto, há aqui claramente um trabalho que é feito de divulgação do Governo Regional", refere.

Garante que os fundos disponíveis foram apresentados em todos os concelhos e as pessoas concorreram de forma expressiva. "Neste momento, temos uma execução na ordem

dos 60% e, portanto, os projetos estão no terreno", sublinha. O Governo apoia diretamente a formalização de projetos "até aos 10 mil euros". Acima deste valor, são as empresas que asseguram a candidatura. "Mas depois o custo desse projeto também é financiado pelos fundos comunitários", acrescenta. Reconhece, todavia, que o IFAP tem "falta de recursos humanos na Madeira" e diz ter já resolvido a situação com o anterior ministro. "É algo que irei colocar à senhora ministra em breve, novamente, porque achamos que é preciso dar

celeridade aos pagamentos e aos processos".

"No período pandémico, o Governo Regional com o IFAP conseguiu fazer a antecipação das verbas para os investimentos que estavam em curso, mediante fatura sem o recibo. Agora, o IFAP está neste momento a controlar todos os comprovativos de pagamento, mas houve aqui uma ajuda clara: ao anteciparmos por fatura o fundo comunitário, facilitou muito o investimento e a execução do próprio quadro comunitário também".



AJUDA

MEDIDAS, APOIOS E INCENTIVOS DE COMBATE À PANDEMIA

Decorrente da emergência de Saúde Pública de âmbito internacional, qualificada pela Organização Mundial da Saúde como pandemia de covid-19, o Governo Regional, através da Secretaria Regional de Agricul-

tura e Desenvolvimento Rural, implementou várias medidas temporárias e excecionais no contexto regional, de forma a minimizar os impactos verificados no setor primário, entre os quais se destaca:



- Criação de uma linha de crédito de cinco milhões de euros, com juros bonificados a 100%, para apoio aos setores agrícola e agroalimentar.
- Protocolo com a Associação de Jovens Agricultores da Madeira e Porto Santo no sentido de apoiar os agricultores na comercialização das suas produções agrícolas, por motivos de realinhamento da procura e consequente reorganização dos circuitos logísticos, designadamente por força da suspensão das normais atividades da hotelaria e da restauração.
- Entrega de cerca de 2.100 cabazes a famílias carenciadas de toda a Região, através de avaliação feita pelas Casas do Povo, no âmbito de uma campanha que contemplou a oferta exclusiva de bens regionais, medida que visou também ajudar os agricultores madeirenses a escoarem os respetivos produtos para não perderem rendimento.
- Criação de um 'call center' exclusivo para apoio à realização das candidaturas ao Pedido Único de 2020, para cerca de 11 mil agricultores.
- Promoção dos produtos agrícolas e agroalimentares produzidos na Região, designadamente os que ostentam a marca 'Produto da Madeira', através de vários meios comunicacionais, com apelos aos madeirenses e porto-santenses para o consumo do que é nosso.
- Criação do Centro de Desinfecção de Produtos Hortícolas e Frutícolas, nas instalações do Estádio Municipal, onde foram desinfetados todos os produtos hortícolas e frutícolas da freguesia

de Câmara de Lobos antes de introduzi-los nos canais habituais de distribuição, através do Mercado Abastecedor, em São Martinho, aquando do cerco sanitário a Câmara de Lobos.

- Compensada a redução significativa (ou suspensão) das atividades das empresas que operam no setor animal com fins recreativos e turísticos num investimento de cerca de 60 mil euros.
- Aquisição às agroindústrias locais, para distribuição às Instituições de Solidariedade Social da RAM, até 120 mil euros de produtos lácteos diversos.
- Isenção do pagamento das taxas relativas à prestação de serviços de podas e enxertias por parte da Direção Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural, da SRA.
- Apoio ao setor da floricultura em 120 mil euros através da aquisição de flores e folhagens cortadas frescas.
- Suspensão de taxas de funcionamento e armazenamento de vinhos na Adega de São Vicente e das rendas no Centro de Abastecimento de Produtos Agrícolas do Funchal (CAPA).
- Criação de uma linha de crédito de 4,5 milhões de euros para fazer face à vindima de 2020.
- Subsídio de 400 mil euros a fundo perdido às empresas transformadoras do Vinho Madeira.
- Concretização de sete adiantamentos no âmbito dos projetos cofinanciados através do PRODERAM 2020, medida que se traduziu já em 5,8 milhões de euros adiantados, abrangendo 122 promotores.
- Aquisição de fatores de produção essenciais ao cultivo da batata, até ao montante máximo de 50 mil euros.

COVID-19 NÃO TRAVOU INICIATIVAS PROGRAMADAS

O setor primário, que é de crucial importância e vital para a economia regional, não parou e tem mostrado grande resiliência ao longo deste singular ano, exemplificada na capacidade de trabalho, dedicação e coragem dos agricultores madeirenses, que continuam a produzir e a abastecer a cadeia de distribuição e a proporcionar alimentos de qualidade a toda a população.

Mas as medidas que o Governo Regional tomou para salvaguardar o setor no sentido de minimizar os impactos provocados pela pandemia não travaram as iniciativas programadas. Assim, a Secretaria Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural não parou e realizou também iniciativas e investimentos extra covid-19, como por exemplo:

- Promoção da alimentação saudável e de alternativas de produção agrícola.
- Criação de condições de comercialização e valorização da Sidra da Madeira, para conferir capacidade competitiva às sidras naturais regionais.
- Apoio financeiro às associações de desenvolvimento rural.
- Melhoria das competências dos agricultores.
- Regulação do setor pecuário regional.
- Impulso à implementação da Proteção Integrada e da Proteção Integrada na Região.
- Compensação das perdas de rendimento dos agricultores devido a catástrofes naturais.
- Novas ajudas e melhoria da gestão nos apoios POSEI.
- Aumento dos prémios ao abate de bovinos.
- Início da luta biológica contra a psila dos citrinos.
- Entrega, a título gratuito, a 171 agricultores, de 1.044 unidades de medicamento veterinário para o tratamento da varrose.
- Publicação do regime jurídico da atividade apícola da Madeira e da produção, transformação e comercialização de mel na Região.
- Lançamento de campanhas de promoção do Vinho Madeira, Vinhos Tranquilos e Bordado Madeira.

BANANA CONTINUA A CRESCER

A produção de banana na Madeira continua a bater recordes, curiosamente num ano em que a maioria dos setores agrícolas e agroalimentares registou fortes quedas.

Contabilizados os valores dos três trimestres do ano (janeiro a setembro), tudo se conjuga para que 2020 venha a ser um dos melhores anos de sempre em termos de comercialização, bem como na qualidade, que constitui uma novidade, explicada com o aumento de

'Banana Extra', que continua a subir de forma exponencial.

Neste momento, em cada cinco bananas processadas quatro são de calibre superior, representando cerca de 80% do setor, que nos primeiros nove meses do ano contabilizou 16.540 toneladas de banana processada, mais 1,72% do que em 2019, o segundo melhor ano de sempre do setor.

Refira-se ainda que neste mo-

mento está em execução o projeto de reestruturação do Centro de Investigação e Experimentação da Banana da Madeira, no Lugar de Baixo, cuja missão assenta em quatro grandes objetivos: qualidade, investigação, formação/apoio técnico e turismo. A sua conclusão está prevista para o final do ano.



CORONAVÍRUS NÃO SE TRANSMITE POR VIA ALIMENTAR

"Não existe qualquer tipo de evidência de que as pessoas se possam infetar pelo vírus da covid-19 a partir do consumo de alimentos cozinhados ou crus", garante o secretário regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural, lembrando que a "Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar, a Organização Mundial de Saúde e o próprio Ministério da

Agricultura já asseguraram que o novo coronavírus não se transmite por via alimentar". "Os madeirenses não devem, portanto, temer o consumo dos nossos produtos. Não é pela comida que as pessoas vão ficar infetadas", explica Humberto Vasconcelos, que não se cansa de apelar ao consumo dos produtos regionais: "Numa altura em que a Madeira vi-

ve momentos muito particulares, o setor primário precisa mais do que nunca do apoio de todos os madeirenses. Como já diversas vezes o mencionei, os nossos agricultores continuam a produzir alimentos de grande qualidade e que privilegiam uma boa alimentação. Como tal, consumam o que é nosso, as frutas e os derivados da Madeira".